

MARIA DO CÉU FIALHO
MARIA DE FÁTIMA SOUSA E SILVA
MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA

Coordenação

Génese e consolidação da ideia de Europa

Vol. I: de Homero ao fim da época clássica



Coimbra • Imprensa da Universidade • 2005

MARIA DO CÉU FIALHO
MARIA DE FÁTIMA SOUSA E SILVA
MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA
Coordenação

Génese e consolidação da ideia de Europa

Vol. I: de Homero ao fim da época clássica



Coordenação editorial
Imprensa da Universidade de Coimbra

Concepção gráfica
António Barros

Paginação
Victor Hugo Fernandes

Execução gráfica
SerSilito - Maia

ISBN
972-8704-57-7

Depósito Legal
234088/05

© Outubro 2005, Imprensa da Universidade de Coimbra

OBRA PUBLICADA COM O FINANCIAMENTO DE:

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

FCT **Fundação para a Ciência e a Tecnologia**
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA Portugal

OBRA PUBLICADA COM O APOIO DE:

FCT: Fundação para a Ciência e Tecnologia - Ministério da Ciência e do Ensino Superior
Apoio do Programa Operacional para a Ciência, Tecnologia, Inovação
do III Quadro Comunitário de Apoio

EUROPA: OS ENIGMAS DE UM NOME

Maria Helena da Rocha Pereira

(Universidade de Coimbra)

O nome próprio Europa aparece pela primeira vez em Hesíodo, para designar uma figura mitológica, em pleno catálogo das filhas de Tétis e de Oceano, o qual preenche os versos 346 a 366 da *Teogonia*. A enumeração processa-se do modo habitual, por sequências de quatro nomes, de três ou de dois (nestes últimos casos acompanhados por qualificativos, que completam o hexâmetro) e concluindo com um só nome, destacado como o da figura mais bela de todas. Mas as Oceânides, acrescenta o poeta, são muitas mais — ao todo, três mil (362-6). É sua função cuidar da criação dos jovens, em conjunto com Apolo (345-8). Os mitónimos que as designam, tal como noutros catálogos, podem variar entre o chamado nome falante, ligado ao *habitat* e à função, ou carecer de significado, pelo menos aparente⁽¹⁾. É no meio destes, junto à encantadora *Petraie* (que terá a ver com rochedos) e *Menestho*, que aparece a Oceânide denominada *Europa* (357)⁽²⁾.

O mesmo poeta, no *Catálogo das Heroínas*, refere-se a uma amada de Zeus *tanyssphyre Europeie*, ou seja, “Europa de belos tornozelos”, filha do ilustre Fénix, a quem amou “o pai dos homens e dos deuses”. Ora este

7

⁽¹⁾ M. L. West, no comentário à sua edição do poema (*Hesiod, Theogony* (Oxford, 1966) 260), observa que o catálogo das Oceânides se assemelha ao das Nereidas em geral, mas os nomes são “menos persistentemente aquáticos e frequentemente menos transparentes”.

⁽²⁾ No comentário citado na nota anterior, West recorda que em Calímaco, fr. 630 Pfeiffer, Europa parece ser uma fonte em Dodona. Por outro lado, o facto de outra Oceânide se chamar Ásia (359) deverá atribuir-se, acrescenta o mesmo helenista, a mera coincidência (*ibidem*).

fragmento faz parte do comentário de um escoliasta à *Iliada* 14. 292⁽³⁾, onde se narra a metamorfose do deus supremo em touro, para conseguir raptar uma jovem de quem estava enamorado. No passo homérico em questão, que pertence ao chamado “catálogo das amadas de Zeus”, no qual, para realçar o seu desejo de se unir a Hera no alto do Ida, enumera os seus amores de outrora⁽⁴⁾, o nome de Europa não figura, mas somente a sua filiação e os descendentes que lhe deu (14. 321-322):

nem quando foi da filha de Fénix, de larga nomeada,
que para mim gerou Minos e Radamanto, aos deuses semelhante.

Os outros dados da história aparecem nos inúmeros poetas que a trataram, designadamente Estesícoro, Simónides, Praxila, Baquílides⁽⁵⁾ e, com maior desenvolvimento, Mosco, já na época helenística⁽⁶⁾.

Voltando, porém, ao fragmento de Hesíodo, ele contava ainda que Zeus tomara a forma de um touro e transportara a jovem através do mar para a ilha de Creta⁽⁷⁾. Por outro lado, a filiação de Europa ascendia, para uns autores, a Fénix, tido geralmente como o herói epónimo dos Fenícios, e, para outros, a Agenor, o que faz dela irmã de Cadmo, o mítico fundador de Tebas.

⁽³⁾ Fr. 140 Merkelbach-West de Hesíodo, ao qual se segue o fr. 141, anteriormente citado.

⁽⁴⁾ Desnecessário se torna lembrar que a pertinência de uma enumeração desta natureza, feita perante a própria esposa em tal momento, tem sido objecto de inúmeras discussões e que, por isso mesmo, a sua autenticidade tem sido muitas vezes posta em causa. Os defensores da mesma argumentam com a conveniência de Hera em seduzir o marido naquela ocasião, a fim de poder levar por diante o seu plano de lhe distrair a atenção do campo de batalha, para os Aqueus poderem superar a investida troiana. Sobre a questão, veja-se R. Janko, *The Iliad: A Commentary*, IV (Cambridge, 1992) 201-203.

⁽⁵⁾ Respectivamente, fr. 18 Page, fr. 57 Page, fr. 87 Page, fr. 10 Snell-Maehler.

⁽⁶⁾ A enumeração completa, incluindo os autores latinos, encontra-se na introdução à edição comentada de Winfried Bühler, *Die Europa des Moschos* (Wiesbaden, 1960).

⁽⁷⁾ Cf. R. Janko, *The Iliad. A Commentary* IV, 204. O motivo do rapto de Europa, geralmente representada como uma jovem montada num touro, alarga-se desde cedo às artes plásticas, quer em relevos, quer em pinturas de vasos. Martin Robertson, no seu artigo do *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae*, s. v., apresenta mais de duzentos exemplos; em rubrica separada (*Europa 2*) menciona um único caso certo da figuração do continente num relevo romano do séc. II, da Biblioteca Chigi, em Roma. Note-se que a metamorfose de um deus em touro ou em cisne ou outras não pode considerar-se um vestígio de teriomorfismo, porquanto os Gregos, ao contrário dos Egípcios, não veneravam animais; trata-se simplesmente de metamorfoses animais. Cf. W. Burkert, *Griechische Religion der archaischen und klassischen Epoche* (Stuttgart, 1977) 113.

Desta breve análise, parece poder concluir-se que a Europa filha de Tétis e Oceano é distinta da amada de Zeus, filha de Fénix ou de Agenor.

Quanto à hipótese de o nome do nosso continente derivar do da Oceânide, como teria afirmado o sofista Hípias⁽⁸⁾, ou do da princesa fenícia, como regista dubitativamente Heródoto (4. 45) ou ainda de uma outra donzela de origem trácia, como supôs o historiador alexandrino Hegesipo⁽⁹⁾, a prudência aconselha-nos a manter a atitude céptica do pai da História no passo acabado de mencionar, o qual principia assim:

Quanto à Europa, ninguém entre os homens sabe se é toda banhada pelo mar, nem de onde o tirou o seu nome, nem quem lho pôs.

Nesse mesmo capítulo, já o autor discutira a questão de as designações dos três continentes conhecidos dos Antigos derivarem de nomes de mulheres⁽¹⁰⁾. Pela nossa parte, apenas podemos reconhecer a possibilidade de uma figura, mitológica ou não, dar o nome a um lugar ou mesmo a uma região⁽¹¹⁾ — conquanto seja mais comum o contrário, a saber, criar-se um *aition* para explicar a origem de um topónimo, ou mesmo de um corónimo.

⁽⁸⁾ Fr. 86 B 8 Diels-Kranz.

⁽⁹⁾ *FGrH* 391 F3 Jacoby. Há ainda mais figuras com este nome, como pode ver-se no cap. 2 de Francisco Díez de Velasco, *Lenguajes de la Religión. Mitos, símbolos e imágenes de la Grecia Antigua* (Madrid, 1998) 27-39, que traça um total de sete genealogias, muitas das quais “mais parecem uma racionalização dissimulada”, 35.

⁽¹⁰⁾ Heródoto 2. 26. Sobre a controversa questão, vide Alan B. Lloyd, *Herodotus. Book II. Commentary* 1-98 (Leiden, 1976), 82-85, com bibliografia.

Esta questão é independente de uma outra que surge pela primeira vez, que se saiba, em *Os Persas* de Ésquilo (181-214) no sonho de Atossa. Aí, a rainha-mãe conta que lhe apareceram duas mulheres, uma vestida à moda dórica e outra à moda persa, a primeira das quais derrubara a equipagem de Xerxes. As duas figuras femininas, uma intitulada Hélade e outra Ásia, aparecem também no século seguinte, pintadas no registo superior do célebre *Krater-de-volutas apúlio*, no Museu Nacional de Nápoles, pelo Pintor-de-Dario. O motivo reaparece na época helenística, no sonho de Europa com que abre o já referido poema de Mosco com esse título. Mas aí só Ásia é nomeada, e tanto essa figura como a sua rival disputam a posse da princesa (1-27).

⁽¹¹⁾ É o que sugere, por exemplo (embora num contexto cultural diferente) o versículo 12 do Salmo 48, em que se reafirma a caducidade do homem, *quantumvis nominibus suis appellaverint terras*. Repare-se que, na aurora da Idade Moderna, um continente — a América — tomou, como todos sabem, o nome, não do seu descobridor, mas de quem o identificou como distinto da Ásia. Também é curioso lembrar que as terras a sul do Mediterrâneo começaram por se chamar Líbia, designação que se mantém actualmente para um dos seus países, mas que prevaleceu a usada pelos Romanos; de África (que, aliás, principiara por abranger a região de Cartago, e que ainda figura no mapa da versão latina de Ptolomeu, de 1490 (e. g. no Ms. *Parisinus Latinus* 10764, de 1496), como *Africa Minor*).

Certo é que, no estado actual dos nossos conhecimentos, a primeira aplicação geográfica do nome que nos ocupa ocorre no *Hino Homérico a Apolo*, no passo em que o deus de Delfos anuncia a criação de um oráculo que será muito consultado e receberá hecatombes de

Quantos senhoreiam o fértil Peloponeso
e quantos moram na Europa e nas ilhas cercadas pelo mar.

O trecho em questão figura nos vv. 250-251, que se repetem exactamente (como aliás, todo o conjunto em que está inserido) em 290-291.

A composição e data deste Hino tem sido objecto de muita discussão⁽¹²⁾, mas, quer se trate de um poema único, quer provenha da junção de dois — um a Apolo Délio e outro a Apolo Pítico — o passo em causa será de c. 585 a.C.⁽¹³⁾. Tal significa que, pelo menos nos começos do séc. VI a.C., se opunha a uma parte continental (Europa) a Península do Peloponeso e “as ilhas cercadas pelo mar”⁽¹⁴⁾.

A segunda ocorrência conhecida do nome é mais de um século posterior, uma vez que terá sido em 473 a. C. que foi cantada a 4. *Ode Nemeia* de Píndaro, onde se lê, nos vv. 69-70:

Mas não se pode atravessar para além de Cádiz, para as trevas.
Volta ao contrário as velas do navio, em direcção à Europa, à terra firme.

O alargamento do corónimo até ao sudoeste da Hispânia, não podemos datá-lo com precisão. Sabemos, contudo, que entre os dois textos — o *Hino Homérico a Apolo* e a 4. *Nemeia* — se situava, pelo menos, a *Descrição da*

⁽¹²⁾ A este respeito, veja-se a edição comentada de T. W. Allen, W. R. Halliday and E. E. Sikes, *The Homeric Hymns* (Oxford, 19362), 240; R. Janko, *Homer, Hesiod and the Hymns* (Cambridge, 1982), 99-132; e ainda Andrew M. Miller, *From Delos to Delphi. A Literary Study of the Homeric Hymn to Apollo* (Leiden, 1986), que regressa à tese da autoria única.

⁽¹³⁾ Proposta por R. Janko, *Homer, Hesiod and the Hymns*, 132, com base na data em que os Anfictiões declararam a Planície de Criseia consagrada a Apolo.

⁽¹⁴⁾ O já referido Hegesipo, no passo atrás citado, parece chamar Europa ao norte da Grécia, como observam Allen, Halliday and Sikes no *comm. ad loc.* referido supra, nota 12. Janko, também mencionado nessa nota, escreve com mais rigor: “Grécia setentrional e central” (p. 122). Não menos importante é o facto de esta oposição geográfica ser muito semelhante à que se encontra entre Hélade (como Grécia do Norte) e Argos (como a do Sul) sugerida por versos da *Odisseia* como 1. 344 e 4. 725 = 4. 816, facto esse já salientado por José Ribeiro Ferreira, *Hélade e Helenos*, 276. Repare-se ainda que, cerca de seis séculos mais tarde (em relação ao *Hino a Apolo*), Estrabão (2.5.44) dirá algo de parecido em relação à Ásia, nome que, a partir da península onde ficava a Cária e a Iónia e outros povos, se alargou a todo o continente.

Terra por Hecateu de Mileto, que dividia o mundo em duas partes, Europa e Ásia⁽¹⁵⁾.

Quanto à progressiva diferenciação entre os dois continentes que da oposição Hélade/Ásia se alarga à de Europa/Ásia, ela vai-se afirmando no decurso do longo confronto armado das Guerras Medo-Persas. Da memória que esses acontecimentos imprimiram na literatura da época, darão conta alguns dos ensaios deste volume. Aqui registe-se apenas que a primeira ocorrência conhecida do etnónimo Europeus é em Heródoto 7. 73:

Segundo dizem os Macedónios, os Frígios chamavam-se Brigos durante todo o tempo em que, sendo Europeus, habitavam junto com os Macedónios; mas depois que se mudaram para a Ásia, junto com o país, mudaram o nome para Frígios.

Ao lado desta questão, temos, como já transpareceu do que foi dito acima, a da divisão em continentes e respectivos limites e extensão.

Heródoto trará à discussão, mais do que uma vez, essas divergências, e, designadamente, a *vexata quaestio* da posição ocupada pelo Egípto na divisão em três continentes, porque, em seu entender, se, tal como sustentavam os Iónios, os limites entre a Ásia e a Líbia eram definidos pelo Rio Nilo, teria de se considerar o Delta um quarto continente (2. 15-18)⁽¹⁶⁾. Outro passo significativo é o que se encontra em 4. 42:

Admiro aqueles que delimitaram e dividiram entre si a Líbia, a Ásia e a Europa, porquanto não são pequenas as diferenças entre elas. É que, ao comprimento, a Europa alcança as outras duas; e, em largura, não me parece sequer que se lhes possa comparar.

Quanto às dimensões relativas dos continentes, aqui discutidas, também vieram a conhecer mais do que uma teoria, a avaliar pela crítica que, já no Século de Augusto, Estrabão fez ao seu antecessor Políbio, devido a ter afirmado que o comprimento da Europa é inferior ao da Líbia e da Ásia juntas (2. 4. 5). O mesmo Estrabão retoma também uma disputa não menos acesa, desde o tempo de Eratóstenes, a da divisão dos continentes por meio dos grandes rios (Nilo e Don) ou então pelos istmos (entre o Mar Cáspio e

⁽¹⁵⁾ Se ele admitia a existência de uma terceira, a Líbia, é duvidoso; no entanto, Jacoby (*F Gr HI*, Kommentar, p. 366 sqq.) admite tal possibilidade.

⁽¹⁶⁾ Sobre esta complexa questão e possíveis mal-entendidos em que ela assenta, vide Alan B. Lloyd, *Herodotus. Book II. Commentary 1-98*, pp. 82-91, e do mesmo especialista, *Erodoto. Le storie*, 2, pp. 246-9.

o Mar Negro e entre o Mar Vermelho e o Egeu⁽¹⁷⁾, discussão essa que o matemático e geógrafo de Cirene achara que não conduzia a nada (1. 4. 7), e que o seu crítico rejeita por completo, por entender que nem os rios dividem continentes por inteiro, nem fazem dos continentes ilhas, e o que importa é ter a noção do conjunto do mundo habitado (1. 4. 8)⁽¹⁸⁾.

Deixando o pormenor desta complexa questão para alguns dos ensaios que se seguem, voltaremos agora a nossa atenção para outro dos principais aspectos que aqui importa considerar, ou seja, a etimologia do nome Europa. Pois se ele não é o de uma ninfa, nem o de uma princesa – e os melhores dicionários etimológicos gregos negam qualquer relação – qual poderá ser a sua origem?

Um lexicógrafo do séc. V da nossa era, Hesíquio, define-o assim: “país do poente e tenebroso”. Esta explicação tem sido aproximada do assírio *êrêb samsí* (“sol poente”, por oposição a *açu*, “sol nascente”) e do aramaico e hebraico *’arāb*. Seria, em qualquer dos casos, de origem semítica, origem essa aceite por Lewy, Grimme e Stewart⁽¹⁹⁾. O mesmo Lewy refere também possíveis etimologias indo-europeias.

Tanto Frisk como Chantraine consideram, porém, que a origem da palavra continua por explicar. Chantraine formula, embora dubitativamente, a hipótese de poder relacioná-la com o adjectivo *εὐρωπός* (“largo”), da família de *εὐρύς*, que teria entrado já em compostos micênicos⁽²⁰⁾.

Em 1984, a questão voltou a ser discutida por Bruno W. W. Dombrowski⁽²¹⁾, que novamente excluiu a hipótese das origens assírias ou aramaicas.

⁽¹⁷⁾ Nome que designava o escoamento do lago Sirbonis para o Mediterrâneo.

⁽¹⁸⁾ Na sua descrição da Europa, Estrabão refere que, para além de uma parte gelada, e não habitada, “confina com o país dos habitantes da Ursa, nas cercanias do Tánais, do Paúl Meótis (mar de Azov) e Borístenes” (2. 5. 26).

⁽¹⁹⁾ Lewy, “Die semitischen Fremdwörter im Griechischen (Berlin, 1895), Grimme, *Glotta* 14, 17 (apud Frisk, *Griechisches Etymologisches Wörterbuch* (Heidelberg, 1960), s.v. *Εὐρώπη*). Por sua vez, na sua extensa recensão a Chantraine, *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque*, Tome I (Paris 1968-1970), in *Gnomon* 43 (1971), 641-75, O. Szmerényi, menciona, na p. 669, o artigo de G. R. Stewart, “Europe and Europa”, *Names* 9 (1961) 79-90, que defende a origem semítica. Por outro lado, Frisk, no vol. III, de aditamentos, ao seu Dicionário (1972), regista ainda a hipótese de Deroy, *Revue Internationale d’Onomastique* 11 (1959), 1-22, que ligava o corónimo a *εὐρώς* e *ὄψ* (*ὄπ-*) o que daria um sentido bem diferente (o adjectivo significa ‘lodoso’).

⁽²⁰⁾ Aldo Corcella, no seu comentário a *Erodoto. Storie 4* (Milano, 1993), p. 268, declara abertamente que a origem semítica está hoje desacreditada e inclina-se para a proposta de Chantraine.

⁽²¹⁾ *Der Name Europa auf seinem griechischen und altsyrischen Hintergrund*. Ein Beitrag zur ostmediterranen Kultur und Religionsgeschichte in frügriechischer Zeit (Amsterdam).

cas e, depois de confrontar as etimologias até então apresentadas em várias outras línguas semíticas, procedeu a uma análise formal e semântica de palavras gregas em -πός / -πόος e em -οψ / -ωψ, a qual o levou a concluir que *Eurōpā* é uma forma nominal grega constituída de modo completamente regular, e que estaria representada sobretudo em dórico – o que explicaria o timbre da vogal final. Teríamos, assim, dois elementos: εὐρυ – ('vasto', 'largo') e -οπ – ('olho', 'ver'), que dariam o sentido originário de 'de vasto olhar', ou 'que vê ao longe'. São estes supostos atributos que levam o autor a procurar a origem de 'Europa' na deusa *Anāt* da região sirofenícia, devido ao facto de essa divindade se caracterizar pelos olhos, além de estar ligada ao deus-touro, como Europa a Zeus na configuração de touro. Seria, portanto, o correspondente ao fenício 'nt=*Anāt*, ou seja, a tradução do nome da deusa fenícia, transmitida pelo arménio de Ugarit/Fenícia.

Sem negar a possibilidade de 'tradução' do nome de uma divindade de um para outro povo, gerando assim uma equivalência que Heródoto tinha por um dado adquirido⁽²²⁾, já a caracterização de uma deusa pelo olhar não poderá pôr-se em paralelo, como faz o autor, com os epítetos homéricos de βοῶπις e de γλαυκῶπις (aliás, ainda hoje não satisfatoriamente esclarecidos⁽²³⁾), e muito menos pôr a deusa *Anāt* em relação com Atena. Mas, mesmo abstraindo destas dificuldades, há outra maior, que foi evidenciada por Rüdiger Schmidt, ao recensear este mesmo livro⁽²⁴⁾, e que é de ordem histórica: é que, para explicar a primeira versão daquele nome em dialecto dórico, Dombrowski vê-se na necessidade de "fazer retroceder o quadro geral da história do Mediterrâneo do final do segundo milénio a. C., de maneira a que a primeira tradução do nome fenício *Anāt* para um dialecto dórico se torne possível". Pela nossa parte, acentuaremos que tudo o que é relativo à invasão dórica e até à sua historicidade é actualmente matéria de controvérsia. Atente-se ainda em que a nais antiga ocorrência conhecida do nome (o já citado *Hino Homérico a Apolo*) apresenta a vogal final com o timbre *ē*, como é próprio do iónico.

⁽²²⁾ Note-se que o primeiro destes epítetos, várias vezes aplicado a Hera na *Ilíada*, é usado no mesmo poema também para mulheres mortais (3.144, 7.10). O mesmo faz Hesíodo (frs. 23 e 129 Merkelbach-West).

⁽²³⁾ E.g. 2.42. Observe-se que W. Burkert, "Herodot als Historiker fremder Religionen" in: *Hérodote et les peuples non grecs*, Entretiens Hardt 35 (Genève 1990) 1-39, não desvaloriza essas possibilidades.

⁽²⁴⁾ *Kratylos* 30 (1985), 190-2. A citação é da p. 191. (Agradecemos à Dr.^a Maria Esmeralda Castendo a possibilidade de obter cópia desta recensão).

A questão da etimologia semítica do nome de Europa foi retomada há poucos anos por M.L. West, que a pôs em dúvida, bem como a interpretação do nome de Cadmo como ‘Leste’, e concluiu que “fonologicamente a associação entre o nome de Europa e qualquer forma de palavra semítica é muito frágil”, e ainda que a glosa de Hesíquio “se o que diz é algo mais do que que a Europa é o continente ocidental, apenas atesta a antiguidade desta etimologia”⁽²⁵⁾.

Voltando, em consequência, à proposta de Chantraine, teríamos, a partir do adjetivo εὐρύς, a noção de largos espaços, que em tudo se conformaria com a crença de que este continente excederia à extensão dos outros dois juntos, tal como atrás vimos ser convicção corrente entre os primeiros geógrafos. Contudo, não podemos esquecer que, no primeiro texto conhecido onde o corónimo figurara, ele abrange só uma região a norte da Grécia, embora já no séc. V a. C. tivesse chegado até às Colunas de Hércules. Todavia, enquanto não dispusermos de dados mais seguros, teremos de continuar a repetir a já citada opinião de Heródoto (4.45), de que, quanto à Europa, ninguém sabe “de onde tirou o seu nome nem quem lho pôs”.

⁽²⁵⁾ *The East Face of Helicon*. West Asiatic Elements in Greek Poetry and Myth (Oxford, 1997), 451. À glosa do lexicógrafo nos referimos supra p. 6.

Série
Documentos

•

Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra University Press

2005

